

Práticas Aristocráticas e Lazer Burgueses de um “Príncipe Negro” na República Velha

Silvio Marcus de Souza Correa

*A ausência de antecedentes e parentes é por vezes mais auxílio
do que impedimento à ascensão social.
Arthur Conan Doyle*

Introdução

No início do século XX, Porto Alegre (RS) tinha pouco mais de 70.000 habitantes. O crescimento demográfico se dera, principalmente, pelo fluxo de imigrantes europeus, ao qual o desenvolvimento comercial e industrial da cidade esteve diretamente ligado. A cidade foi também destino de negros libertos (Pesavento, 1999; Kersting, 1998; Mauch, 1988). Em áreas de colonização alemã do RS, certas personagens negras se tornaram folclóricas neste período pós-emancipação, como os negros Orlando e Militão, em São Leopoldo (Müller, 1978) e o *tio* Adão, o *negro* Lucas (Prado, 1946) e a *tia* Inácia (F. J. F., 1954), em Santa Cruz do Sul. Em Porto Alegre, onde a comunidade teuto-brasileira era muito expressiva (Gans, 2004), não faltaram também figuras negras excêntricas. Entre elas, destacou-se o africano (José) Custódio Joaquim de Almeida.¹

Ao contrário de certas figuras de libertos, a excentricidade de Custódio não tinha a ver com um jeito cômico ou de falar, mas com seu *habitus* um tanto bizarro no qual práticas aristocráticas, lazeres burgueses e tradições religiosas africanas se imiscuíam. Líder religioso da comunidade afro-brasileira em Porto Alegre, a sua trajetória biográfica tem muitas lacunas (Silva, 1999; Oro, 2002; Costa e Silva, 2003). Alberto Costa e Silva (2003:177) chegou a reclamar, estarrecido, que sequer um jornalista lhe perguntou seu nome africano. O jornalista Carlos Reverbel reconheceu, por seu turno, que não o conhecia de fato, mesmo que tenha sido seu contemporâneo e cruzado com o “Príncipe” no hipódromo dos Moinhos de Vento.² Três anos depois de sua morte, sua ossada foi removida do cemitério da Santa Casa, o que demonstra certo descaso por parte de familiares e amigos pelo seu despojo funerário e/ou certa dificuldade financeira dos mesmos para renovar o arrendamento ou fazer o traslado.³

Apesar do pouco caso com seu despojo funerário, Custódio Joaquim de Almeida não caiu em total esquecimento e as poucas informações sobre ele acusam práticas aristocráticas e lazeres burgueses que permitem desvelar estratégias de mobilidade e distinção social durante a República Velha. Com base nos necrológios de Custódio Joaquim de Almeida, o presente trabalho explora algumas plicaturas entre memória e história (Nora,

¹ Com exceção do necrológio do Diário de Notícias, os demais mencionam o pré-nome José do “Príncipe”. Costa e Silva (2003) também empregou o pré-nome José em seu artigo sobre um chefe africano em Porto Alegre. Porém, no registro de nascimentos e óbitos, consta apenas Custódio Joaquim de Almeida.

² Carlos Reverbel, *Príncipe por Ouvir Dizer*, Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 25 de janeiro de 1993.

³ O autor agradece Gabriela Villanova pela pesquisa nos registros de arrendamento da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Curiosamente, não foi encontrado nenhum registro em nome de Custódio. Sabe-se apenas que foi arrendado por três anos a partir da data do sepultamento. Essa informação consta no livro de óbito. Villanova informou o autor que a sepultura foi aberta em 09/07/1938 e os restos mortais incinerados. Digno de nota é o fato de que no arquivo da Santa Casa não consta o arrendamento. Provavelmente, supõe Villanova, amigos ou familiares do “Príncipe” deviam ter contatos com a administração da Santa Casa para conseguir o arrendamento por três anos de forma gratuita, pois os livros de arrendamento são como se fossem livros-caixa, ou seja, constam as informações dos valores pagos pelos familiares. Cabe lembrar ainda que a administração do Cemitério da Santa Casa fazia contato com os familiares dos mortos e se estes não tinham interesse em transladar ou renovar o arrendamento, então, a ossada era incinerada.

1984) e trata de alguns problemas como a mito-biografia em história oral (Passerini, 1993) e as pesquisas de jornalistas e historiadores que podem coincidir sem, no entanto, se confundir (Lacouture, 1990).

A seguir, ver-se-á como que o turfe e a vilegiatura marítima foram mais do que simples formas de recreio e lazer na vida do “Príncipe Negro”. Essas práticas aristocráticas e burguesas demonstram que elas representaram uma estratégia individual de mobilidade e distinção social, porquanto elas eram inacessíveis à comunidade de afro-brasileiros do período pós-emancipação. Através delas, capital social e capital simbólico foram adquiridos e dispensados pelo “Príncipe Negro”. Mas sua figura nobiliárquica e “fetichista” não seria anacrônica na paisagem urbana de Porto Alegre à época áurea do positivismo científico? Não haveria vozes dissonantes na comunidade afro-brasileira de Porto Alegre, especialmente entre aqueles republicanos jacobinos, em relação à figura pachola do “Príncipe Negro”? Essa figura excêntrica não estaria na contramão da luta pela cidadania negra do período pós-emancipação? Ou teria ele logrado conciliar os nostálgicos isabelistas com os republicanos (liberais ou positivistas) dentro e fora da comunidade afro-brasileira de Porto Alegre ao mesclar tradição e modernidade, política e religião, práticas aristocráticas e lazeres burgueses?

Dos necrológios às práticas aristocráticas e aos lazeres burgueses de Custódio

Quando faleceu Obá II, no Rio de Janeiro, o anúncio fúnebre apareceu nas primeiras páginas dos jornais cariocas que registraram a “imensa popularidade” do falecido (Silva, 1977). No caso de Custódio Joaquim de Almeida, os jornais de Porto Alegre também fizeram alusão à sua popularidade. Mas nenhum necrológio foi publicado na primeira página. Dessas matérias jornalísticas provém (quase) tudo o que se sabe sobre o “Príncipe Negro” (Costa e Silva, 2003:171).

Mas quem informou os jornalistas sobre a vida do “Príncipe” africano? Uma análise comparativa dos necrológios dos jornais *A Federação*, *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, publicados nos dias 29 e 30 de maio de 1935, permite inferir que os jornalistas tiveram informantes em comum. Provavelmente, uma delas tenha sido Arthur Ferreira, o mesmo que foi declarante da morte do “Príncipe” no registro de nascimentos e óbitos de Porto Alegre. Arthur Ferreira era proprietário de um cavalo de corrida, o *Minuano*, cujo treinador era Custódio. O “Príncipe” africano também treinava o cavalo *Rapa*, de Domingos Ferreira. Ambas as informações provêm de duas listas de cavalos de corrida. Uma delas se encontra no ofício à Associação Protetora do Turfe, de 13 de junho de 1912, assinado por Custódio Joaquim de Almeida, e outra no documento produzido pela Secretaria da Associação do Turfe, de 28 de outubro de 1913 (Jung, 2007:98). Nota-se, portanto, o vínculo de Custódio com a família Ferreira.

Além de Arthur Ferreira, provavelmente, os jornalistas entrevistaram outras pessoas no velório. Ao menos, os jornalistas do *Diário de Notícias* e do *Correio do Povo* informam que, na residência do morto, estavam “diversas pessoas” e que as cerimônias do enterro se realizaram com “avultada assistência”, sendo “grande o número de coroas e ramos de flores enviados à sua residência”.

O necrológio enquanto fonte histórica para a biografia de um indivíduo com reconhecida popularidade tem algumas vantagens, porquanto se registra, geralmente, aquilo que deu notoriedade ao extinto. Além disso, faz-se um breve histórico de sua vida. Mas, deve-se levar em conta que a redação e a publicação do necrológio coincidem, muitas vezes, com um momento de grande comoção e pesar em que se encontram os familiares,

amigos e membros da comunidade a qual pertencia o falecido. Os necrológios do “Príncipe Negro” foram publicados num espaço de 24 e 48 horas após seu falecimento. Os redatores do anúncio fúnebre também visaram fazer do necrológio de Custódio uma homenagem póstuma; por isso, uma preocupação demasiada com a concordância com o público leitor sobre o que ficaria registrado sobre o falecido. Segundo depoimento de uma testemunha ocular da morte do “Príncipe”, “os jornais da época mandaram seus jornalistas para relatar o fato. Para estes jornalistas foi algo sem igual.” “Todos ficaram perplexos com o que estavam vendo”, lembra-se Dionísio de Almeida.⁴ O mesmo depoente também afirmou que os jornalistas contaram histórias, ou melhor, “estórias de Custódio, que jamais poderiam existir, mas como na época, nós ficamos desorientados, nada falamos, e se montou todo esse circo, este picadeiro, de conversa fiada sobre a vida de papai (...)”.⁵

Das informações que se repetiram nos necrológios do “Príncipe Negro”, destacam-se as seguintes: Custódio era sacerdote africano de uma “seita negra”; era conhecido por “Príncipe”, teria sua origem em São João da Ajudá, recebia uma pensão vitalícia do governo inglês, deixara a África por volta de 1862, se radicou no Brasil e era um *turfman* entusiasta.

Apesar do tom preconceituoso em relação à “seita negra” e seus “estranhos deuses”, os redatores das matérias jornalísticas destacaram o apego do “Príncipe” à tradição dos cultos africanos. Mas o necrológio de Custódio não pode ser visto como uma prova de tolerância religiosa. Durante as primeiras décadas do século XX, houve repressão às práticas religiosas afro-brasileiras. Inclusive, o jornal *O Exemplo* protestou contra a “batida nojenta” do famigerado inspetor Procópio e seu corpo policial a uma casa na Rua Fernando Machado, antiga Rua do Arvoredo, em Porto Alegre, onde “alguns moradores entregavam-se a ofícios de seu culto”.⁶ O mesmo jornal informou que dona Maria Brochado e alguns outros moradores daquele prédio eram filhos de africanos e herdaram de seus pais costumes e crenças e, por isso, às vezes, eles “entregavam-se aos seus cânticos e danças religiosas.”

Os anúncios fúnebres de Custódio foram extensos pela sua notoriedade além do campo religioso. No jornal oficial do Partido Republicano Rio-Grandense, o conteúdo do necrológio é marcado pelo positivismo que orientava a sua linha editorial. Além de ressaltar o estado fetichista da “raça negra”, o jornal destacou o altruísmo do “Príncipe” cujos anos foram “inteiramente entregues aos seus irmãos de origem”. O “viver para outrem”, bem ao gosto da filosofia de Auguste Comte e dos correligionários do PRR, foi o que se apreendeu da vida de Custódio, segundo *A Federação*.

Essa dimensão social da vida “filantrópica” de Custódio comprova uma relação estreita entre religião afro-brasileira, assistencialismo e curandeirismo já que o “Príncipe” prestava auxílio aos necessitados e tratava doentes com ervas medicinais (Costa e Silva, 2003:172). Aliás, suas práticas de cura foram favorecidas pela liberdade profissional em vigor durante a República Velha, apesar da crítica de médicos e jornalistas contra o curandeirismo, o charlatanismo, etc.⁷ Escusado lembrar que, no período pós-emancipação, africanos tiveram grande *leadership* nas comunidades afro-brasileiras pelo viés religioso. Em recente publicação sobre a trajetória do sacerdote africano Domingos Sodré (Reis, 2008), se comprova, mais uma vez, que um caso bem escolhido

⁴ Entrevista de Dionísio de Almeida (filho de Custódio J. de Almeida) *apud* Silva, 1999:121.

⁵ *Idem*.

⁶ *O Exemplo*, Porto Alegre, 13 de novembro de 1902.

⁷ No jornal *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) houve uma série de acusações contra o charlatanismo de videntes, cartomantes, curandeiros, entre outros.

deixa de ser apenas um único caso. Os vários exemplos de africanos de nobre estirpe enviados ao exílio durante a penetração colonial na África ocidental (Costa e Silva, 2003:167-170) também demonstram que a trajetória de Custódio Joaquim de Almeida não é tão excepcional como querem crer alguns adeptos do jornalismo ou da história sensacionalista.

No Rio Grande do Sul, os jornalistas parecem ter se interessado mais pela vida do “Príncipe Negro” do que historiadores e antropólogos. Aliás, aos jornalistas se devem os necrológios publicados nos dias 29 e 30 de maio de 1935 na imprensa de Porto Alegre. Nas últimas décadas, no entanto, algumas matérias de jornais têm dado vazão a uma série de especulações sobre a vida de Custódio Joaquim de Almeida. Os jornalistas Eliane Brum, Paulo Moraes e Renato Dornelles foram alguns dos que contribuíram para uma mitobiografia do “Príncipe Negro”. Antropólogos (Oro, 2002; Silva, 1999) também trouxeram subsídios para a mitobiografia a partir de fontes orais.

Ambas as fontes (jornalística e oral) tem um denominador comum: a memória. Quase tudo que se sabe sobre o “Príncipe” africano vem dos necrológios que, por sua vez, foram redigidos com base em conversas durante o velório. Portanto, trata-se do recurso às lembranças de terceiros. Já a antropóloga Maria Helena Nunes Silva (1999) recorreu a fontes orais, entrevistando uma série de pessoas que conheceram Custódio Joaquim de Almeida. Além dessas fontes, têm-se algumas fotografias, a certidão de óbito de José Custódio Joaquim de Almeida e um ou outro documento que acusa sua relação com o turfe em Porto Alegre.

O turfe em Porto Alegre da *Belle Époque*

Na Porto Alegre da *Belle Époque*, a figura do “Príncipe Negro” remete àquela de Obá II dos tempos do Império não apenas pela seu pacholismo (Silva, 1977), mas pela sua suposta intimidade com o poder. Por meio do esporte, pode-se deduzir uma aproximação de Custódio Joaquim de Almeida com a elite porto-alegrense. Escusado lembrar que o esporte também é uma forma de se fazer a distinção social (Bourdieu, 1979).

Tendo como ponto de partida o fato de que as práticas esportivas atendem certas demandas sociais, pode-se inferir que as primeiras variam no tempo de acordo com as segundas, bem como o “gosto” ou a “preferência” por uma ou outra prática esportiva tem relação com a representação de tais práticas no mundo social dos amadores e/ou esportistas (Bourdieu, 1980:173-174). Cabe, então, indagar sobre os princípios que regem a escolha dos indivíduos tanto para a prática quanto para o “consumo” dentre os diferentes esportes que lhes são possíveis numa determinada época.

Em Porto Alegre da *Belle Époque* havia o ciclismo, as regatas, o tênis, o futebol e o turfe como esportes masculinos. O mais popular era o turfe. As rubricas esportivas dos jornais demonstram o predomínio do turfe sobre as demais práticas de esporte. A revista *Athleta* também confirma a predominância do turfe em Porto Alegre. O futebol se torna o esporte mais freqüente nas rubricas esportivas apenas na década de 1940. Apesar da origem inglesa da maioria desses esportes, eles foram introduzidos, praticados e “consumidos” por imigrantes e descendentes europeus, sobretudo pelos membros da comunidade germânica. No início do século XX, havia a União Velocipédica de Porto Alegre, a Sociedade de Ginástica Germânia, o Jockey Clube, o Tênis Clube e tantos outros grêmios esportivos na cidade.

Quando Custódio Joaquim de Almeida chegou a Porto Alegre, havia quatro hipódromos na cidade: Prado Boa Vista, Independência, Rio-Grandense e Navegantes. Parece que o “Príncipe” africano tinha preferência pelo Prado da Independência, freqüentado majoritariamente por descendentes de alemães (Bozano e Fontoura, 2005:155).

O “Príncipe Negro” foi um amador do turfe, esporte no qual atuou profissionalmente como criador e treinador de cavalos de corrida (Bozano e Fonseca, 2005; Jung, 2007). Além de treinador e proprietário de cavalos de corrida, parece que também tinha um haras (Oro, 2002). A relação do “Príncipe” africano com o turfe revela a imbricação de práticas aristocráticas, lazeres burgueses e espetáculo popular enquanto formas de distinção e pretensão social. O turfe como qualquer outro esporte se inscreve num campo de produção e representação social de práticas e de consumo de um “produto esportivo” (Bourdieu, 1980).

A popularidade do turfe nas primeiras décadas do século XX não significa que o mesmo não tenha se mantido elitista. Para compreender tal paradoxo, deve se levar em conta alguns fundamentos da sociologia do esporte. Alguns jogos aristocráticos tinham finalidades específicas que foram alteradas com o seu posterior aburguesamento. Quando alguns jogos aristocráticos passaram a ser esportes burgueses, suas funções, especialmente aquelas distintivas, também mudaram. Tais esportes se tornaram ainda populares, sobretudo aqueles coletivos.⁸ Antes mesmo do futebol, o turfe se institucionalizou na cidade de Porto Alegre. A Sociedade Protetora do Turfe tinha estatuto e o perfil de seus associados acusa o caráter elitista da mesma. Ser membro da Sociedade Protetora ou do *Jockey Club* era para poucos e, por isso, representava uma distinção social. Mas se para ser associado ou proprietário de cavalos de corrida era coisa para um grupo seleta, o mesmo já não era para assistir as corridas ou para fazer apostas. Se as corridas do final de semana eram abertas ao público, o mesmo já não acontecia com os bailes e jantares promovidos pelo *Jockey Club*. Na franja social entre associados e proprietários distintos e espectadores e apostadores anônimos, havia treinadores e jôqueis. Alguns deles gozavam certa notoriedade como também alguns cavalos que eles treinavam e montavam. O “Príncipe” africano foi proprietário de cavalos de corrida e treinador. Talvez apostasse também nas patas dos cavalos.

Fica difícil, no entanto, saber se sua relação com o turfe teve uma função compensatória ou de legitimação de status. Se ele buscou o turfe para compensar sua inconsistência de status, então, pode-se constatar uma forma de pretensão. Como não há indício de que ele tenha sido sócio do *Jockey Club*, pode-se inferir que as razões para tal foram mais de cunho racista do que econômico já que Custódio era proprietário de cavalos de corrida.⁹ Mas se o turfe representava uma prática aristocrática e, por conseguinte, “desinteressada” em auferir ganhos ao seu praticante, logo, o “Príncipe” poderia ter nele uma forma de legitimação do seu status nobiliárquico. O depoimento de um ex-jôquei permite inferir essa conotação, porquanto Custódio parecia ter mais despesas com seus cavalos do que lucros com as corridas. “Os cavalos dos outros ganhavam, mas os dele, raramente”.¹⁰

A profissionalização do esporte era necessária para o maior acesso em termos de prática e de consumo por parte dos indivíduos de origem modesta, especialmente os afro-brasileiros. Assim ocorreu com o futebol. Embora tenha se afastado de suas origens aristocráticas, a prática esportiva do turfe não superou seu amadorismo

⁸ O golfe e o tênis, por exemplo, mantiveram seu caráter elitista por muito tempo.

⁹ Escusado lembrar que, mesmo depois que o futebol passou a ser o esporte mais popular, alguns clubes não admitiam jogadores negros. Alguns sócios brancos protestaram indignados quando o primeiro jogador negro vestiu a camisa do Grêmio em 1952. Cf. Jung, 2007:88.

¹⁰ Entrevista de João Vargas *apud* Silva, 1999:117.

burguês junto às elites de Porto Alegre. Isso fez com que o futebol passasse a ter a preferência dos populares na medida em que sua profissionalização viabilizava não apenas a prática por parte dos jogadores de origem modesta, mas também surgia como uma forma de ganhar a vida.

Como atesta a coluna *Sport Hyppico* do jornal *O Exemplo*, a “população de cor” era adepta do turfe.¹¹ Porém, seu amadorismo comprometia uma adesão para além das apostas ou do mero espetáculo. Como atilou Jung (2007:93), o redator deste jornal dava seus vaticínios aos leitores a partir das listas de cavalos para os respectivos páreos nos prados da cidade, mas não fez referência em sua rubrica esportiva ao *turfman* africano. Como interpretar tal silêncio em torno de um treinador e criador de cavalos, cuja presença em dia de corrida era tão espalhafatosa? Provavelmente, o redator era um republicano avesso à aristocrática representação do “Príncipe” africano em sua relação “desinteressada” com o turfe. Cabe salientar ainda que o jornal *O Exemplo* “era um jornal do povo e destinado a pugnar pelo direito da raça de cor”. Seu engajamento era com a “elevação moral da raça negra”, como reconhecia o periódico *Stella d’Itália*, semanário em italiano, publicado no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, talvez, o comportamento pachola do “Príncipe” africano não fosse bem aceito pelos redatores cristãos e republicanos d’*O Exemplo*.

O teor da matéria “Pelos Nossos”, de 21 de agosto de 1904, assinada por Baptista Homem, acusa a reprovação dos valores que orientavam alguns negros em “macaquearem a sociedade burguesa no que ela tem de pior – no luxo e nos bailes – em que como imitadores vão ao excesso.” Talvez a relação pretensamente aristocrática com que o “Príncipe” negro se envolvia com o turfe fosse reprovada por alguns intelectuais negros.

Sobre a sua “escolha” pelo turfe, já se cogitou sobre suas origens quando o africano morou em Bagé (Bozano e Fonseca, 2005:155; Costa e Silva, 2003:172). Das carreiras de cavalo ao turfe pode ter havido uma passagem. Outra informação, no entanto, sugere que sua relação com o turfe é mais remota e tem a ver com a (pretensa) cultura aristocrática do “Príncipe” africano.

A vilegiatura marítima em Porto Alegre da Belle Époque

Assim como muitos membros da elite porto-alegrense, notadamente de origem alemã, que praticavam a vilegiatura marítima nos meses de verão (Correa, 2008), o “Príncipe” africano também veraneava na praia. A informação de que Custódio Joaquim de Almeida praticava a vilegiatura durante o período estival não vem de nenhum necrológio, mas sim de uma matéria publicada no Diário de Notícias para um “Álbum de Porto Alegre”.¹²

No verão, em janeiro, o programa era conhecido. Ia todo o mundo para a casa de propriedade de Custódio Joaquim de Almeida, na Praia de Cidreira. A viagem para o velho balneário era qualquer coisa de sensacional e folclórico. Embora fosse dono de carruagem e tivesse dinheiro para alugar quantas diligências quisesse, o príncipe gostava de viajar com carretas puxadas por bois na maior calma e na mais incrível lentidão. É ainda mais: a viagem era feita por etapas em ritmo de passeio, parando em muitos lugares onde ele era sempre

¹¹ No acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, há poucos números do jornal *O Exemplo*, o que dificulta qualquer estatística sobre as preferências esportivas de seus leitores; porém, as corridas de touro foram notícias em vários números consultados deste periódico.

¹² Na nota 17 do capítulo “Um chefe africano em Porto Alegre”, Alberto Costa e Silva (2003:176) afirma que deve seu interesse por Custódio Joaquim de Almeida e as informações básicas sobre sua vida a “um excelente artigo em duas partes da autoria de Amaro Júnior, “Um príncipe africano morou na Lopo Gonçalves...”, publicado por um jornal de Porto Alegre.” Informa ainda que os recortes com o artigo, sem indicação do periódico e sem data, foram-lhe enviados por Álvaro Costa Franco. O referido artigo foi publicado no Diário de Notícias nos dias primeiro e oito de janeiro de 1977, partes I e II respectivamente.

esperado com festas e cerimônias religiosas africanas, muita comida e muita bebida, pois todos sabiam que tudo seria pago pelo viajante ilustre. Desta maneira nunca o trajeto de Porto Alegre à Cidreira era feito em menos de uma semana. Quando eram gastos apenas cinco dias, considerava-se um recorde de velocidade...

Com as carretas de transporte de passageiros seguiam outras carregadas de mantimentos, inclusive muitos sacos de milho e dezenas de fardos de alfafa, aos cuidados dos empregados, pois os cavalos de corrida do príncipe também iam aos banhos de mar. Isso, ele como treinador e tratador, fazia questão fechada.¹³

Com numeroso séquito, a freqüentação da praia da Cidreira se tornou uma de tantas outras passagens folclóricas da biografia de Custódio Joaquim de Almeida. Por meio das práticas do turfê e da vilegiatura marítima, o “Príncipe Negro” cotejou a elite porto-alegrense das primeiras décadas do século XX. A relação entre o turfê a vilegiatura marítima permite constatar, contudo, a filiação inglesa e aristocrática das pretensões sócio-culturais de Almeida.

Proprietário de uma casa na praia da Cidreira, onde “costumava passar parte do verão, sempre rodeado por uma enorme quantidade de convidados” (Costa e Silva 2003:172), o “Príncipe” africano parece ter incorporado rapidamente os hábitos burgueses dos porto-alegrenses em termos de lazer e entretenimento. Afinal, as corridas de cavalos nos prados da cidade ao final de semana e os banhos de mar durante o veraneio faziam parte dos hábitos daquela burguesia desde o último quartel do século XIX. Mas o treinamento eqüestre nas areias do estirâncio acusa uma prática muito ao gosto dos ingleses que realizavam corridas de cavalos na areia de seus balneários de verão.

Algumas fotos e gravuras canadenses registram corridas de cavalos na estação balneária de Cacouna, local de veraneio preferido pelas famílias de origem inglesa de Montreal.¹⁴ Essas imagens revelam um gosto inglês tanto pelo turfê quanto pela vilegiatura marítima. Por isso, os hábitos do “Príncipe” africano podem desvelar muito mais uma referência inglesa de suas pretensões do que um mimetismo das práticas da elite porto-alegrense.

Não se encontrou ainda nenhuma notícia sobre corridas de cavalos à beira-mar no Rio Grande do Sul. Sobre corridas de automóveis, há registro jornalístico. Equipe de futebol também treinou na praia como informa o *Correio do Povo* de 1950.¹⁵ Mas se o “Príncipe” africano treinava seus cavalos nas areias da praia da Cidreira, provavelmente, alguns páreos foram realizados e contemplados pelos veranistas de antão.

Considerações finais

Em seu conto *Dr. Negro*, Arthur Conan Doyle (1859-1930) afirma que a ausência de antecedentes e parentes é por vezes mais auxílio do que impedimento à ascensão social. A observação sociológica do célebre autor de Sherlock Holmes pode ser uma dica para compreender a posição de prestígio de Custódio Joaquim de Almeida não apenas junto à comunidade afro-brasileira de Porto Alegre da *Belle Époque*, mas também junto à elite local. É possível que o “Príncipe Negro” fizesse questão de manter total sigilo sobre seus antecedentes diante do germanismo predominante entre os amadores do turfê, especialmente no hipódromo da Independência,

¹³ *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 8 de janeiro de 1977.

¹⁴ O autor agradece a antropóloga Myriam Simard (INRS) pela informação sobre a vilegiatura de famílias anglo-canadenses ao balneário de Cacouna às margens do Saint Laurent e ao sociólogo Serge Côté (UQAR) pela visita no verão de 2008 que me permitiu conhecer *de visu* o famoso local de veraneio da elite de Montréal, assim como pelo envio postal de documentos sobre essa estação balneária.

¹⁵ *Correio do Povo*, Porto Alegre, 21 de fevereiro de 1950.

nos Moinhos de Vento, bairro residencial predominantemente alemão e de importantes padrões da indústria e do comércio da cidade. Desde 1884, a Alemanha tinha colônias na África e isso acirrava as relações diplomáticas entre os países da Europa ocidental, especialmente entre França, Inglaterra e Alemanha. Escusado lembrar que, durante a Primeira Guerra Mundial, franceses e ingleses ocuparam as colônias alemãs do Togo e dos Camarões.

Nesta época, muitos membros da elite política, sobretudo os correligionários do PRR, eram explicitamente francófilos Assim, se a hipótese de Costa e Silva (2003) sobre os vínculos estreitos de Custódio com os ingleses na África for válida, bem se entende que seu antecedente *very British* poderia comprometer suas relações com membros da comunidade germânica e da elite política afrancesada de Porto Alegre.

Mas ainda em *Dr. Negro*, Arthur Conan Doyle afirma que a marca da personalidade do insinuante doutor recomendava-se por si. A chave para entender o sucesso de Custódio não apenas junto à comunidade afro-brasileira, mas também junto às elites brancas de Porto Alegre, talvez seja sua personalidade, seus atributos individuais. Contudo, não se podem olvidar as observações acuradas de Max Weber e Marcel Mauss sobre o carisma e sobre a magia respectivamente. Neste sentido, o prestígio do “Príncipe” africano se devia muito mais ao empréstimo que lhe facultava a comunidade afro-brasileira de Porto Alegre ao reconhecer seus “poderes”.

Diante da natureza lacunar da história, torna-se tentador o método dedutivo tão apreciado por *Sir Arthur Conan Doyle*.¹⁶ Sabe-se, no entanto, que o célebre escritor da Londres vitoriana era mestre em fornecer pistas falsas. A eficácia do método dedutivo repousa na eliminação das pistas falsas para a reconstrução ordenada dos acontecimentos por meio de vestígios que, por sua vez, sustentam hipóteses plausíveis. Sobre o sigilo em torno das origens de Custódio Joaquim de Almeida e sobre a sua figura enigmática, espera-se que o que foi exposto permita uma melhor compreensão da imbricação de um africano com as elites brancas (política, comercial e industrial) na sociedade de Porto Alegre do período pós-emancipação por meio do turfe e da vilegiatura marítima.

Manter sigilo sobre seus antecedentes e ficar longe de parentes que pudessem comprometer sua nova posição parece ter sido uma escolha racional de Custódio que logrou se aproximar da elite branca de Porto Alegre da *Belle Époque*. Não resta dúvida, no entanto, que seu prestígio junto à comunidade afro-brasileira se deu por outras atividades do que aquelas que lhe deu prestígio junto à elite local. Foi pela sua prática religiosa, assistencial e curativa de herbolário que o “Príncipe” era reconhecido pelos seus “irmãos de origem”. Ou seja, as práticas aristocráticas e os lazeres burgueses aproximaram Custódio de determinados grupos sociais e étnicos enquanto suas práticas religiosas (incluindo assistencialismo e curandeirismo) a outros. Quanto ao resto, *that's all Folks*.

¹⁶ Nascido em Edimburgo, o médico e escritor escocês Arthur Conan Doyle foi nomeado cavaleiro em 1902 pelo apoio ao imperialismo britânico e à guerra contra os *Boers* na África austral.

Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Pars: Minuit, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BOZANO, Mario; FONSECA, Ricardo (Org.) *História de Porto Alegre: Jockey Club*. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.
- CORREA, Sílvio M. de S. *Os primórdios dos balneários no RS e os cuidados com a saúde* In: Anais eletrônicos do IX Encontro Estadual de História – *Vestígios do Passado: a história e suas fontes*, UFRGS, Porto Alegre (RS), 14 a 18 de julho de 2008.
- CORREA, Sílvio M. de S. *Sexualidade e Poder na Belle Époque de Porto Alegre*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1994.
- COSTA E SILVA, Alberto. “Um chefe africano em Porto Alegre”, in Alberto Costa e Silva. *Um Rio Chamado Atlântico. A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003, pp.167-176.
- F.J.F. “Tia Inácia no dia 24 completará 129 anos”. *Gazeta de Santa Cruz*, terça-feira, 1º de junho de 1954, p.5.
- GANS, Magda R. *Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX (1850-1899)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- JUNG, Roberto R. *O Príncipe Negro*. Porto Alegre: Edigal, 2007.
- KERSTING, Eduardo H. *Negros e a Modernidade Urbana em Porto Alegre: A Colônia Africana (1890-1920)*. Porto Alegre: UFRGS [Dissertação de Mestrado em História], 1998.
- LACOUTURE, Jean. “A História Imediata”, in LE GOFF, Jacques (org.) *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, pp.216-241.
- MAUCH, Cláudia. *Colônia Africana: Criminalidade e Controle Social (1888-1900)*. Porto Alegre: UFRGS [Dissertação de Mestrado em História], 1988.
- MÜLLER, Telmo L. *Colônia Alemã. Histórias e Memórias*. Caxias do Sul: UCS/EST, 1978.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.
- PASSERINI, Luisa. “Mitobiografia em História Oral”, *História*, São Paulo (10), dez. 1993.
- REIS, João J. *Domingos Sodré. Um sacerdote africano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- REVERBEL, Carlos, “Príncipe por Ouvir Dizer”, *Zero Hora*, Porto Alegre, 25 de janeiro de 1993.
- SILVA, Maria Helena Nunes. *O “Príncipe” Custódio e a “Religião” Afro-Gaúcha*. Recife: UFPE [Dissertação de Mestrado em Antropologia], 1999.
- ORO, Ari. “Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente”, *Estudos Afro-Asiáticos*, vol.24, n.2, Rio de Janeiro, 2002.
- PESAVENTO, Sandra. “Lugares Malditos: A Cidade do ‘Outro’ no Sul Brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX)”, *Revista Brasileira de História*, vol.19, n. 17, São Paulo, set. 1999.
- PRADO, Ary. “Retalhos ... de passado” *Gazeta de Santa Cruz*, Santa Cruz do Sul, 15 de novembro de 1946, p.3.

Periódicos consultados (Museu de Comunicação Hipólito José da Costa):

- A Federação* (Porto Alegre, 1895-1935)
Correio do Povo (Porto Alegre 1910-35)
Diário de Notícias (Porto Alegre 1910-35)
O Exemplo (Porto Alegre, 1902-1905)
Zero Hora (Porto Alegre, 1989/1993/1999)